

Apresentação

O volume 2, n. 2 de Patrimônio e Memória traz ao conhecimento do público o debate sobre os acervos patrimoniais em suas múltiplas faces e os sentidos assumidos ao longo do tempo e, recorrentemente, atualizados em diferentes situações. Os rituais diversos, com suas efemérides, constituem-se em momentos de consagração de valores e de comunhão, pois ao celebrarem distintas práticas sociais no decurso das vivências de sujeitos - em atos individuais, de grupos ou em celebrações oficiais remetidos a história do país - criam vínculos que projetam convicções de estarem partilhando algo comum.

A idéia de discutir o assunto foi motivada pelo reconhecimento de que, na sociedade contemporânea, as relações entre Memória e História estão cada vez mais imbricadas, e suas interconexões extravasam diversos campos e se expressam em sua punjança, nas comemorações.

Ao refletir sobre esse assunto, não é difícil chegar à constatação de que há certo consenso entre os especialistas que os momentos de rememoração de certas efemérides oferecem oportunidades para que se cristalizem tendências de construção e apropriação de uma "memória coletiva", ainda que os acontecimentos lembrados nem sempre traduzam a pluralidade de interesses e percepções que se forjam e se expressam na sociedade, tomada em seu todo.

Os textos aqui reunidos abordam dimensões múltiplas desse debate que mapeiam os sentidos das comemorações e sua (des)construção, as inquirições sobre as relações entre as efemérides e a fixação, por meio de leis, desse patrimônio cristalizado ou em permanente construção. E apontam as alternativas, na atualidade, em relação às tecnologias utilizadas para sua fixação nos "lugares de culto" - museus, casas de memória, entre outros - ou em instituições destinadas 'a pesquisa, que também vivenciam as ambigüidades dessas relações.

Para esta publicação os textos foram ordenados em "dois dossiês" e, ainda, na seção "artigos". Os autores discutem no primeiro dossiê, as inter-relações entre os acervos patrimoniais, a memória coletiva e os sentidos das celebrações, percorrendo assuntos variados, de significativa relevância para o entendimento do intrincado debate sobre o processo de construção e (des)construção da memória coletiva e sua relação com os sujeitos protagonistas, ou não, desse legado. Sobrelevam-se nessas discussões o papel das

celebrações enquanto edificadoras de marcos e de identidades, apreendidas em distintas situações da experiência dos paulistanos. Perscruta os sentidos da preservação dos diversos aportes materiais - traduzidos nas coleções e nos fundos existentes nos diferentes espaços guardiões dessa memória coletiva, nos museus -, e sua relação, na atualidade, com os sujeitos sociais, herdeiros destes legados. Já no segundo dossiê, Patrimônio Cultural, identidade e cidadania, os textos tratam dos fios que se entrelaçam na construção dos marcos da cultura urbana, construindo nessa malha os significados e trajetórias que possibilitaram a conformação das políticas de preservação para esses espaços citadinos e para o meio ambiente que, tardiamente, passou a integrar o patrimônio da Nação. Na leitura feita por seus intelectuais e gestores públicos sobre a cidade e seus destinos, nem sempre os cidadãos são considerados no processo de definição e intervenção sobre esse patrimônio, o que é dimensionado pela sua reiterada exclusão. Essa mesma tensão também se desdobra em relação à natureza. As posições oscilam entre sua apropriação para fins utilitários e suporte para a definição das identidades nacionais, regionais e locais e os direitos das comunidades que habitam essas regiões. As decisões de proteção e preservação ambientais ainda carregam polêmicas e interesses conflitantes, embora as políticas ambientais estejam cada vez mais voltadas para garantir o binômio preservação e cidadania.

Na seção "artigos" as discussões avançam no sentido de entender o papel das tecnologias e as alternativas, no presente momento, em relação a sua utilização para viabilizar esses "lugares de culto" - bibliotecas, museus, casas de memória, entre outros - ou as instituições destinadas ao ensino e à pesquisa, sinalizando para os seus limites e dilemas. As reflexões se voltam para os periódicos em suas reiteradas e mutantes técnicas de produção da escrita e, também, para os acervos virtuais, notadamente as bibliotecas e os museus, evidenciando suas dimensões específicas e as possibilidades de veiculações dos velhos e dos novos conhecimentos e, igualmente, as limitações e problemas decorrentes.

O temário completa-se com a capa, cuja escolha recaiu em A Boneca, tela de Tarsila do Amaral, produzida em 1928, que apresenta o presente número do periódico. Essa opção encerra as homenagens à pintora cujos trabalhos estiveram presentes nos quatro números iniciais da revista. A escolha dessa tela, aparentemente um assunto prosaico que envolve o lúdico, os artefatos e a magia do mundo infantil, também permite outros aportes e tem suas explicações. Um deles sinaliza para os vestígios presentes em sua composição, que tem como cenário, a paisagem tropical estilizada e a predominância de cores que sutilmente remetem ao país. Além disso, essa explosão cromática, tão ao gosto da pintora, as formas e volumes propiciadas pela elaboração da tela, permitem ao leitor ir além e, igualmente, buscar os pontos de intersecção com os assuntos aqui discutidos, e conduzi-los para outras dimensões.

Apresentação

Estou certa de que essa publicação será de interesse de um público cada vez maior, pelos temas palpitantes, motes das reflexões dos diferentes autores e que delineiam o percurso do atual debate sobre os caminhos da memória e do patrimônio coletivo do país, em suas diferenciadas formas e dimensões.

Profª Drª Zélia Lopes da Silva
Editora

Assis, SP, 14 de dezembro de 2006
e-mail: patrimonio-e-memoria@assis.unesp.br